

# EMPODERAMENTO FEMININO

NO MUNICÍPIO DE ITATIBA  
DO SUL



Letícia Maira Capelletto  
Almir Paulo dos Santos



# O EMPODERAMENTO FEMININO NO MUNICÍPIO DE ITATIBA DO SUL

---

**Produto Final da dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Erechim/RS.**

**Pesquisadora; Prof<sup>a</sup>. Letícia Maira Capelletto**  
**Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr. Almir Paulo dos Santos**

CIP – Catalogação na Publicação

---

C238e

Capelletto, Letícia Maira

O empoderamento feminino no município de Itatiba do Sul. [livro eletrônico] / Letícia Maira Capelletto, Almir Paulo dos Santos / – Erechim, RS: Ed. dos autores, 2024.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-985655-6-5

1. Mulheres 2. Feminismo. 3. Empoderamento feminino. I. Santos, Almir Paulo dos. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

CDD:305.42



# ÍNDICE

**1 - INTRODUÇÃO**

**2 - EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL**

**3 - ORIGEM DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL**

**5 - AS MULHERES E O DIREITO A EDUCAÇÃO**

**7 - MULHERES NO MAGISTÉRIO**

**8 - MULHERES NO ENSINO SUPERIOR**

**10 - AS TRÊS ONDAS DO FEMINISMO MUNDIAL**

**11- ALGUMAS CONQUISTAS DO FEMINISMO**

**12 - O EMPODERAMENTO FEMININO**

**16 - O EMPODERAMENTO FEMININO NO  
MUNICÍPIO DE ITATIBA DO SUL**

**17 - CONTEXTO GERAL**

**22- CONTEXTO FAMILIAR AO LONGO DO TEMPO**

**23 - O TRABALHO DESENVOLVIDO PELO  
COLETIVO DE MULHERES**

**25- O TRABALHO DESENVOLVIDO PELA ESCOLA**

**26 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

**OBSERVAÇÕES:  
AS IMAGENS UTILIZADAS NESSE E-BOOK FORAM  
ENCONTRADAS NO GOOGLE E PINTEREST E SÃO  
PURAMENTE ILUSTRATIVAS**

## INTRODUÇÃO

O presente documento é o produto educacional resultante de uma bela jornada trilhada no Programa de Pós-graduação Profissional em Educação da UFFS- Erechim/RS.

Nas páginas a seguir podem ser encontrados alguns conhecimentos pesquisados na dissertação escrita pela autora, tais como: a educação não-formal, uma das principais vententes onde o feminismo chega até às populações em geral, a conquista de direitos das mulheres através do feminismo, principalmente em relação ao direito a educação, o empoderamento feminino, bem como os resultados da pesquisa de campo realizada no município de Itatiba do Sul.

Este produto foi escrito com o objetivo de trazer conhecimentos as mulheres sobre o empoderamento feminino, para que as mesmas após estarem cientes da luta, possam juntar-se a ela.



## EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

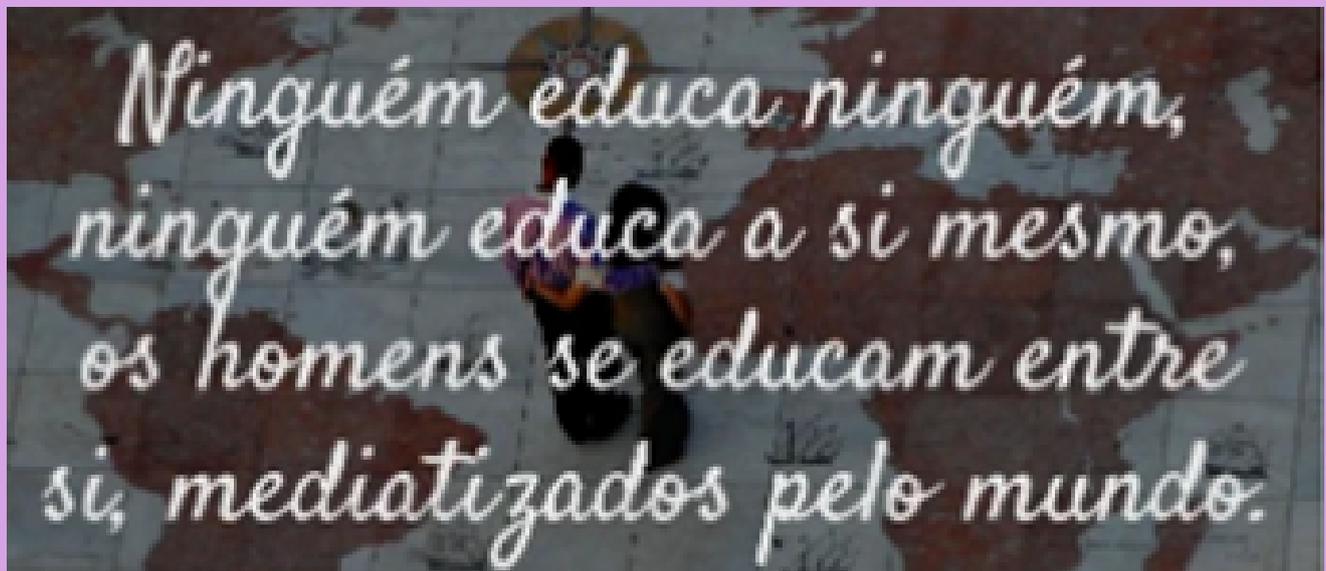
Diferente do que muitos acreditam, não há apenas um tipo de educação, mas sim educações, assim como a escola não é o único lugar onde se pode encontrá-la (Brandão, 2007). Deste modo, as práticas de educação não-formal geralmente se dão fora do ambiente escolar, através do trabalho de ONG's, movimentos sociais, programas de inclusão, entre outras instituições ou organizações sociais. A educação não-formal tem tanto potencial quanto a educação escolar e é pensada para formar cidadãos capazes de solucionar problemas do dia a dia, desenvolver habilidades, capacidades para trabalhar, organizar-se em coletivos, compreender o mundo ao seu redor e interpretar criticamente as informações que chegam até eles (Simson; Gohn; Fernandes, 2007).





## ORIGEM DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Surgindo primeiramente nos Estados Unidos e Europa, a educação não-formal popularizou-se após a segunda guerra mundial, quando os governos tiveram a necessidade de impulsionar a educação escolar através de outras ferramentas, para sanar problemas econômicos e sociais. Daí em diante, a educação não-formal ficou conhecida e foi utilizada não apenas por países em desenvolvimento, mas também por países desenvolvidos que se interessaram por sua abordagem mais aberta (Garcia, 2009).



Assim sendo, a educação não-formal é menos burocrática que a educação escolar e procura respeitar o tempo, espaço e saberes trazidos pelos indivíduos que dela participam (Simson; Gohn; Fernandes, 2007). Desta maneira, não é objetivo da educação não-formal se opor a educação escolar; ao contrário disso, ela é apenas mais uma ferramenta para que as pessoas possam aprender no coletivo (Simson; Park; Fernandes, 2007, [não-paginado]). Por isso, a principal característica da educação não-formal é o diálogo, de modo que os educadores que trabalham com ela mediam a relação do conhecimento científico e os saberes trazidos pelo grupo participante aprendizado (Simson; Gohn; Fernandes, 2007).

Nesse sentido, a educação não-formal precisa ser desenvolvida em locais e contextos que permitam os indivíduos se sentirem seguros para trocar experiências e compartilhar seus interesses e necessidades. (Simson; Gohn; Fernandes, 2007). Um modo em que este tipo de educação se desenvolve há algum tempo, até mesmo na atualidade são os coletivos, onde as pessoas se reúnem para conversar, compartilhar conhecimento e aprimorar seu aprendizado.

## AS MULHERES E O DIREITO A EDUCAÇÃO

Na história da humanidade, nem sempre as mulheres tiveram o direito de receber a mesma instrução escolar que os homens. Na verdade, esta é uma conquista recente. Ao longo dos tempos, as mulheres foram consideradas como as educadoras naturais de seus filhos e eram preparadas desde pequenas para exercer o papel de mãe e esposa. No entanto, em pleno século XIX, entram em destaque os movimentos feministas que buscavam alguns direitos para as mulheres, tais como: direito a instrução escolar, abertura das profissões consideradas apenas masculinas, apoio a maternidade e direito a creche e a escolas infantis para que as mulheres pudessem continuar a trabalhar (Cambi, 1999).





No entanto, o direito feminino a educação não foi uma trajetória rápida e linear. No século XIX, o Brasil tinha acabado de se tornar independente de Portugal e poucas pessoas sabiam ler e escrever em suas terras. As escolas brasileiras eram separadas por sexo, bem como os seus conteúdos: fundamentos de geometria para os meninos e bordado e costura para as meninas. Nesta época, as meninas eram educadas para serem boas mães e esposas, bem como a ter uma “boa moral e conduta” semelhante à da virgem Maria. As mulheres pobres tinham um destino ainda pior, pois sua prioridade deveria ser cuidar dos irmãos menores e fazer o serviço doméstico em detrimento da frequência à escola (Louro, 2010). Em relação ao ensino secundário e superior, as mulheres só tiveram permissão de cursá-los a partir de 1879, com um decreto de D. Pedro II (Machado, 2018).



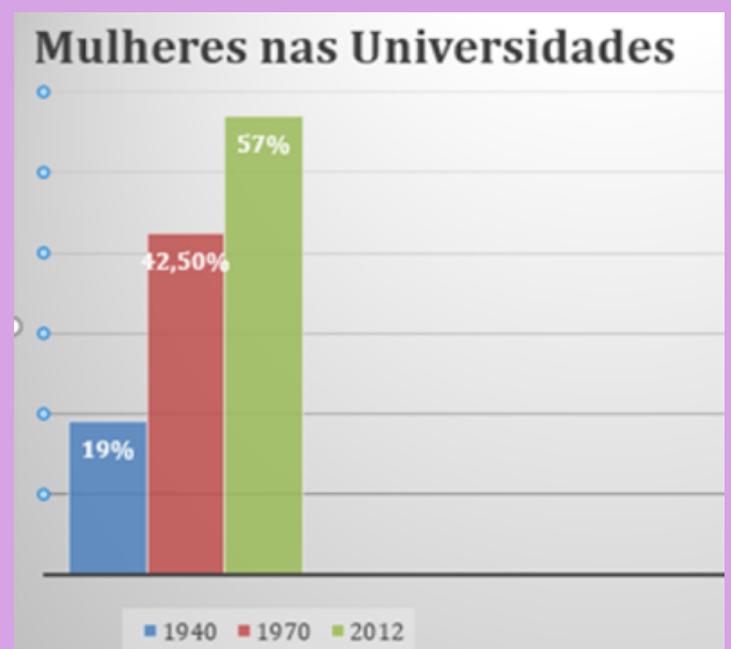
## MULHERES NO MAGISTÉRIO

Tendo em vista que só foi permitido que as mulheres tivessem acesso à educação, por que mais tarde teriam que educar seus filhos (Telles, 2015), elas só foram consideradas para o magistério à medida que os homens começaram a buscar carreiras que pagassem melhor (Louro, 2010). Muitas pessoas desta época acreditavam que as mulheres não deveriam ser instruídas e que não tinham capacidade para educar. Assim, era esperado que as professoras da época tivessem uma moral impecável e aprendessem a como “se portar”. A elas também eram pagos salários menores, justificando que elas estariam fazendo um sacrifício “patriótico e por amor”. Até hoje o magistério é uma profissão majoritariamente feminina (Castro, 2014).

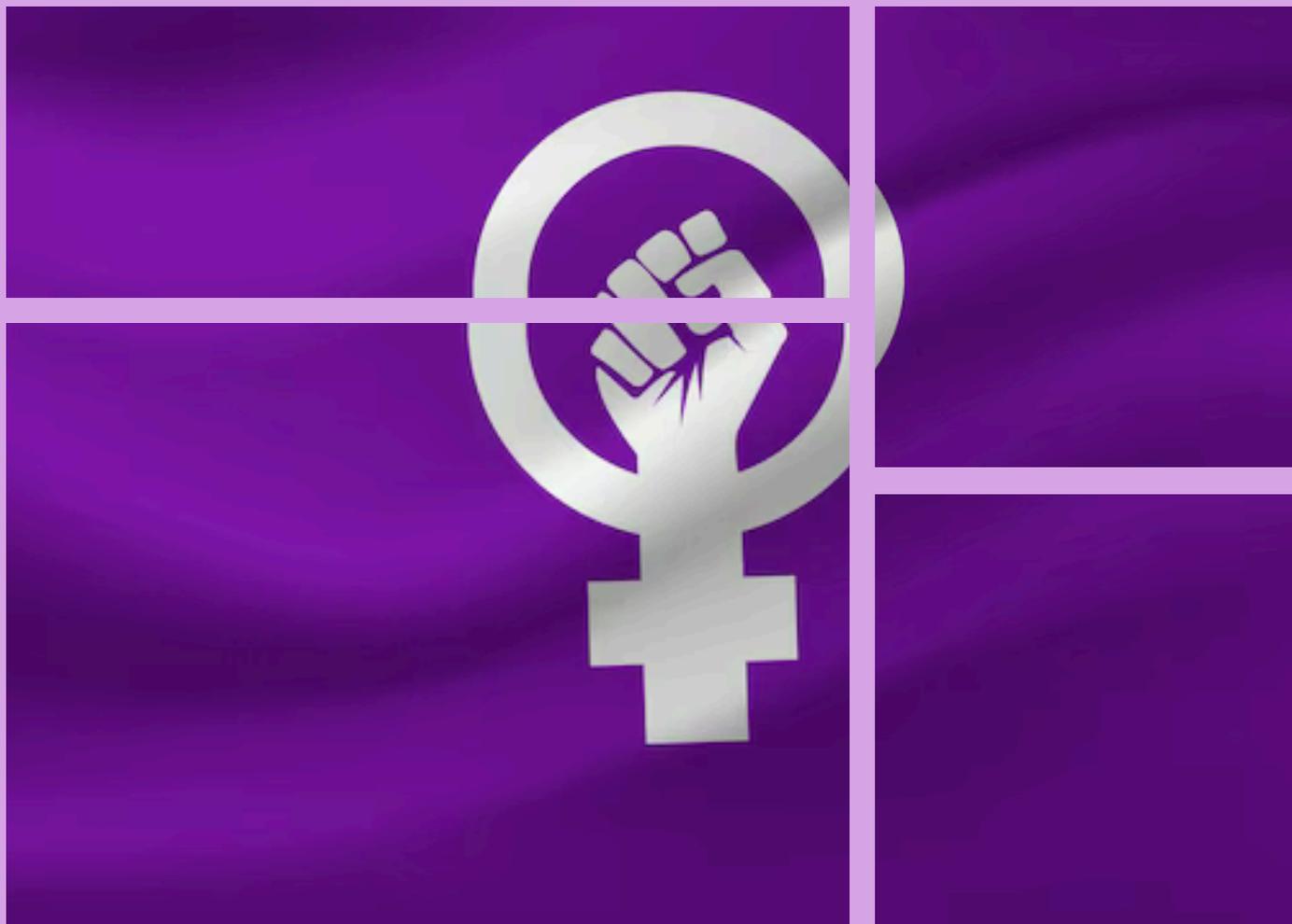


## MULHERES NO ENSINO SUPERIOR

Em relação à educação superior, as mulheres inicialmente tinham dificuldade de entrar nos cursos de graduação, pois não tinham acesso aos conteúdos relacionados no vestibular quando estavam na escola. Com os movimentos feministas e a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, a entrada de mulheres nos cursos de graduação se tornou mais democrática e aumentou expressivamente com o passar dos anos. Isso é evidenciado pelo gráfico que mostra que em 1940 às mulheres constituíam apenas 19% do público universitário, enquanto que em 2012 elas chegaram a 57% do total de estudantes (Machado, 2015).



FONTE: (ARQUIVOS DA AUTORA, 2024)



## **O MOVIMENTO FEMINISTA E A LUTA DAS MULHERES POR DIREITOS**

Assim como na área educacional, o trabalho remunerado das mulheres também não era valorizado na idade moderna de modo que as mulheres recebiam salários humilhantes e tinham direito de realizar poucas profissões. No entanto, com a invenção das máquinas as mulheres e crianças tornaram-se preferidas em relação aos homens, pois as fábricas preferiam pagar salários menores (Lino, 1986). Com o passar do tempo, foram surgindo escritos e organizações feministas com o objetivo de conseguir direitos fundamentais para as mulheres. Assim o feminismo nada mais é do que “a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração [...] do patriarcado” (Garcia, 2015, p. 13).

# AS TRÊS ONDAS DO FEMINISMO MUNDIAL

o movimento de desenvolveu pelo mundo em três grandes ondas (RANGEL, 2012):

## PRIMEIRA ONDA



ocorreu nos séculos XVIII, XIX e início do século XX, no qual as mulheres buscavam direitos políticos como o direito de votar e também direitos trabalhistas. As mulheres brasileiras conquistaram o direito de votar em 1930.

## SEGUNDA ONDA



A segunda onda ocorreu entre as décadas de 60 e 80 do século XX, onde as mulheres buscavam a igualdade no campo dos costumes, discutindo questões como a violência, a sexualidade e o mercado de trabalho.

## TERCEIRA ONDA



A terceira onda começou na década de noventa e está em andamento até hoje, tendo, como objetivo, repensar as estratégias do movimento e a construção da sua imagem por intermédio dos meios de comunicação em massa. O movimento atual passa pela participação democrática e é descentralizado, buscando que suas integrantes eduquem-se coletivamente e consigam a independência por meio da tomada de decisões.



## ALGUMAS CONQUISTAS DO FEMINISMO

- igualdade jurídica entre mulheres e homens;
- Modificação de termos pejorativos às mulheres;
- Permissão para que se tornassem chefes de família;
- Normatização do atendimento ao aborto legal pelo SUS em 1998;
- Realização da esterilização em hospitais da rede pública em 1996,
- Reconhecimento da união estável,
- Salário maternidade,
- Licença gestante para trabalhadoras rurais em 1992
- Lei Maria da Penha em 2006 (Rangel, 2012).

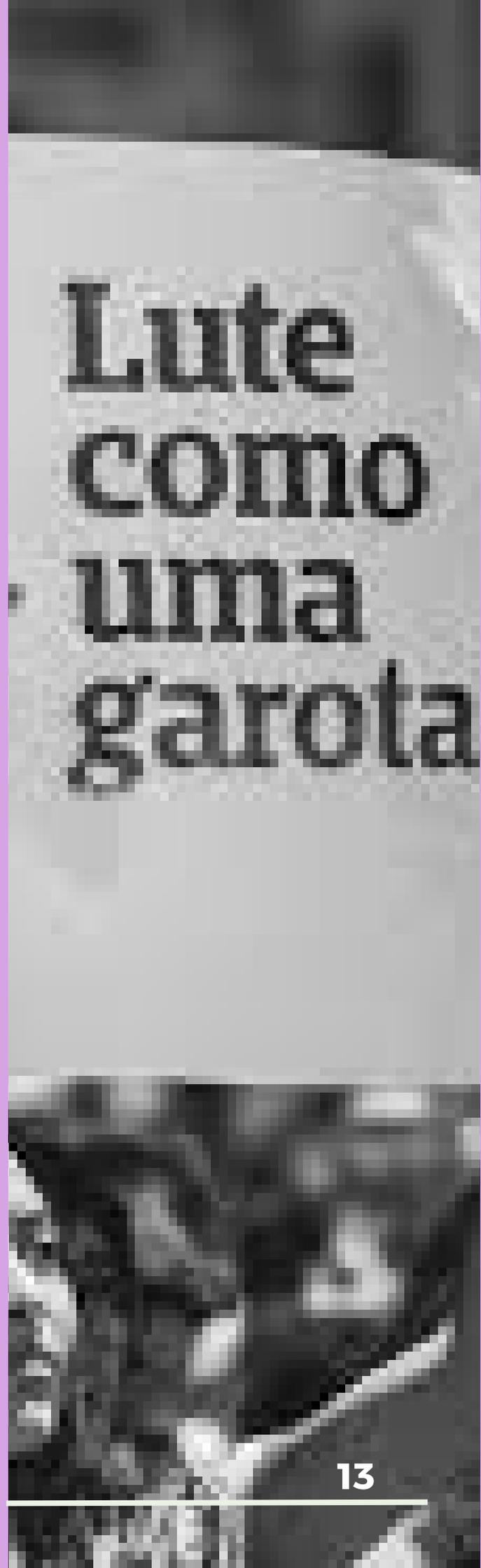


## O EMPODERAMENTO FEMININO

Empoderar-se significa tomar ou adquirir poder para si, tornar-se poderoso Silva e Bógus (2021) e também sentir-se pertencente, valorizado e aceito na sociedade Hanzen (2021). Atualmente o termo “empoderamento” tem sido tão utilizado que muitas vezes pode ser interpretado de forma distorcida e perdendo a sua característica de complexidade (Oacley; Clayton, 2003 apud Silva; Bógus, 2021). Deste modo o empoderamento não é um processo simples, e ninguém empodera ninguém, (Baquero, 2012). Assim o empoderamento “Significa aumento do poder, da autonomia pessoal e coletiva de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos a relações de opressão, discriminação e dominação social” (Kleba; Wendausen, 2009, p. 736).

Assim, o empoderamento refere-se a diversos setores da vida da pessoa, abordando características:

- psicológicas (vinculadas às identidades e à autoimagem, à ideia de criação de espaço e à aquisição de conhecimentos);
- sociais (expressas na liderança nas atividades comunitárias, nas ações por direitos, na inclusão social e na alfabetização, por exemplo);
- organizacionais (onde há uma identidade coletiva e o estabelecimento de uma organização representativa ou liderança organizacional);
- culturais (com impacto na definição de normas e regras de gênero, e a possibilidade de recriação de práticas culturais);
- econômicas (por meio da obtenção de segurança econômica, posse de bens e produtos e desenvolvimento de habilidades empresariais);
- políticas (com a participação em instituições locais, a negociação de poder político e o acesso a ele) (Oacley; Clayton, 2003 apud Silva; Bógus, 2021, p. 339- 340).





Deste modo, para construir o empoderamento a mulher precisa estar ciente da estrutura de dominação masculina e como ela solidifica a sua condição de opressão (Batliwala, 1994 apud Sandenberg, 2018). Assim, o sujeito desempoderado é aquele para o qual foi negada a capacidade de fazer escolhas e, para que se torne empoderado, ele precisa superar essa condição e fazer escolhas estratégicas em um contexto em que, antes, a possibilidade de escolher lhe havia sido negada. Nisto, a responsabilidade é coletiva e o destaque é as organizações femininas e os movimentos sociais, que têm um papel fundamental para cumprir em relação à criação de condições para a mudança. Deste modo, não necessariamente a melhoria das condições financeiras e o acesso aos direitos políticos e a educação tornarão a mulher empoderada (Kabeer, 1999).

Desta forma, o processo de empoderamento feminino não é instantâneo e linear, mas se dá de forma gradual e apesar de ser coletivo, também é uma jornada individual quando a mulher percebe sua situação de desvantagem em alguns aspectos de sua vida e luta por modifica-los (Sandenberg, 2018). Desta maneira, é importante a mulher se dar conta da situação em vive e começar a questionar atitudes e valores que lhe foram internalizados desde a infância (Cruz, 2018).



**“SEM UM PROCESSO  
PARALELO DE  
CONSCIENTIZAÇÃO E DE  
INCENTIVO A AÇÕES  
COLETIVAS,  
TRANSFORMADORAS, NÃO SE  
PODE FALAR DE  
EMPODERAMENTO, PELO  
MENOS NÃO EM UMA  
PERSPECTIVA ‘LIBERTADORA’”**

(CORNWALL, 2014; SARDENBERG, 2009 APUD  
SANDENBERG, 2018, P. 25).

## O EMPODERAMENTO FEMININO NO MUNICÍPIO DE ITATIBA DO SUL

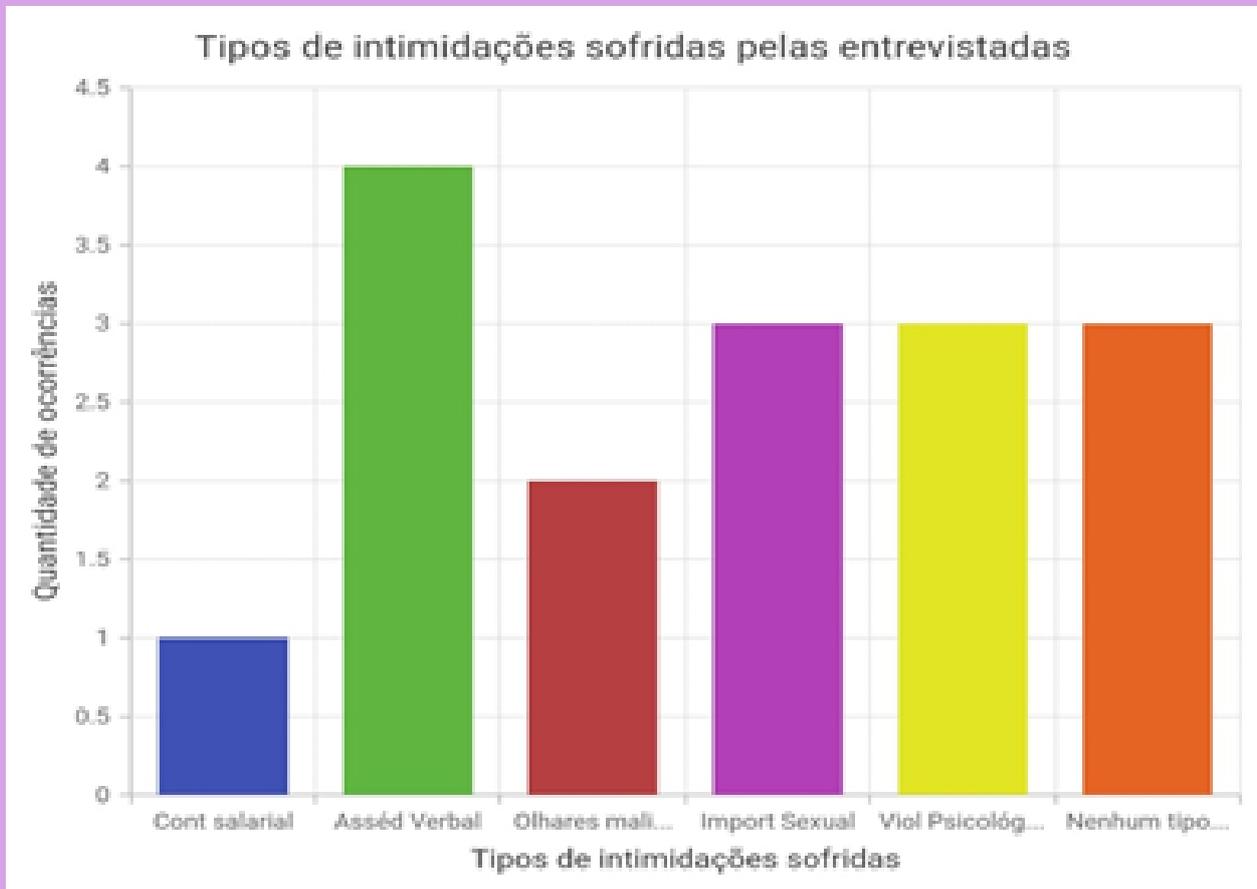
A PESQUISA AQUI RELATADA FOI DESENVOLVIDA NO MUNICÍPIO DE ITATIBA DO SUL. FORAM ENTREVISTADAS 12 MULHERES, AS QUAIS NÃO TIVERAM SEUS NOMES REVELADOS. NA PESQUISA, CADA UMA DELAS RECEBEU O NOME DE UMA MULHER IMPORTANTE PARA A HISTÓRIA DO FEMINISMO, COMO PODE SER VISTO EM ALGUMAS FRASES CITADAS PELAS ENTREVISTADAS NESTE DOCUMENTO.

FORAM FEITOS TRÊS EIXOS DE ANÁLISE, ONDE CADA GRUPO DE MULHERES TINHA PERGUNTAS ESPECÍFICAS PARA RESPONDER: NO PRIMEIRO EIXO FORAM SELECIONADAS DUAS MULHERES NASCIDAS NA DÉCADA DE 30, DUAS NASCIDAS NA DÉCADA DE 60 E DUAS NASCIDAS NA DÉCADA DE 90, NO SEGUNDO EIXO TRÊS GESTORAS DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE ITATIBA DO SUL E NO TERCEIRO EIXO, TRÊS MULHERES PARTICIPANTES DO COLETIVO DE MULHERES DO MUNICÍPIO CITADO. AS DOZE MULHERES TAMBÉM RESPONDERAM ALGUMAS PERGUNTAS EM COMUM.



## CONTEXTO GERAL

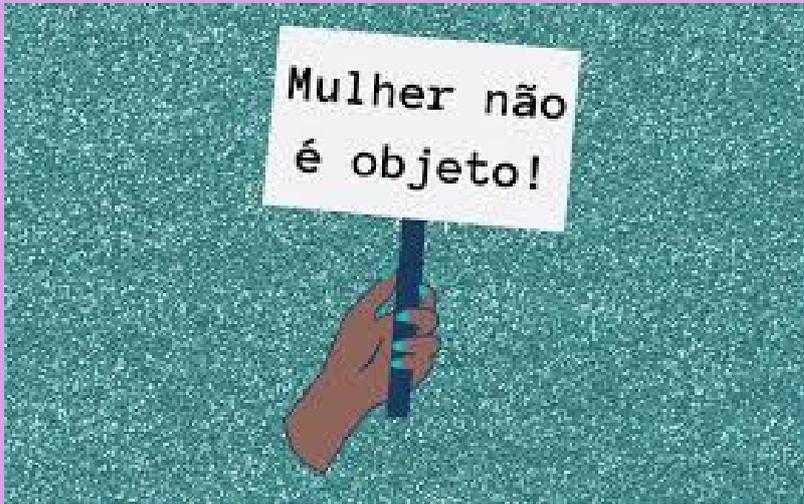
A pesquisa revelou que as mulheres entrevistadas já sofreram algum tipo de intimidação:



Fonte: arquivos da autora, 2024

Percebe-se que a intimidação mais sofrida é o assédio verbal, no qual palavras são ditas no intuito de intimidar ou constranger a pessoa. O tipo mais comum são as famosas “cantadas”. O assédio sexual, a violência psicológica, bem como mulheres que declararam nunca ter sofrido nenhum tipo de intimidação aparecem logo em seguida com um ponto a menos. Logo em seguida com dois pontos estão os olhares maliciosos e com apenas um ponto uma tentativa de controle salarial da mulher.

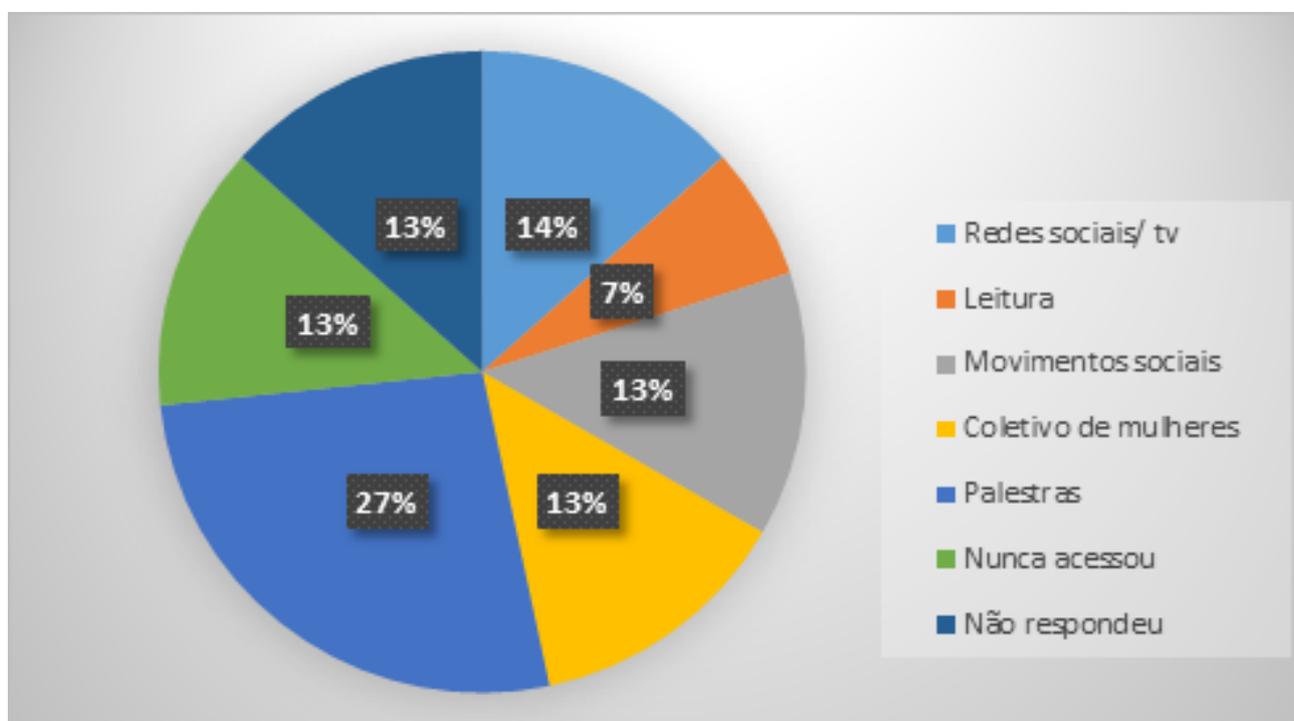
Essas imagens são utilizadas para representar as mulheres pela estrutura patriarcal, sexista que a gente vive (Marielle. F).



O estudo também verificou que as mulheres têm dificuldade de desvincular o sexo feminino do papel de mãe, de modo, que elas ainda acham que é a maternidade que melhor representa as mulheres. Em relação a objetificação do corpo feminino, metade das entrevistadas atribuiu a culpa de tal fato às próprias mulheres, atribuído que elas “não se dão ao respeito” e “querem se mostrar”. Isso revelou que muitas vezes as mulheres se tornam cúmplices da cultura machista. Por outro lado, metade das entrevistadas revelou ter conhecimento sobre o assunto: destacando que são estratégias de marketing voltadas para o público masculino no sentido de vulgarizar o corpo feminino e que o sexo masculino é o responsável por perpetuar esse tipo de conteúdo nas mídias.

Nesse sentido, é evidente que na atualidade tem se ampliado a divulgação e o acesso à conteúdos feministas nas mídias. No entanto, a pesquisa revelou que parte das mulheres não sabe o que significa “feminismo” ou tem uma visão distorcida sobre o termo. Isso pode acontecer em vista da quantidade de desinformação e informações falsas que são propagadas em torno do termo.

Assim, o estudo mostrou que as mulheres Itatibenses podem ter acesso à conteúdos feministas de diversas formas:

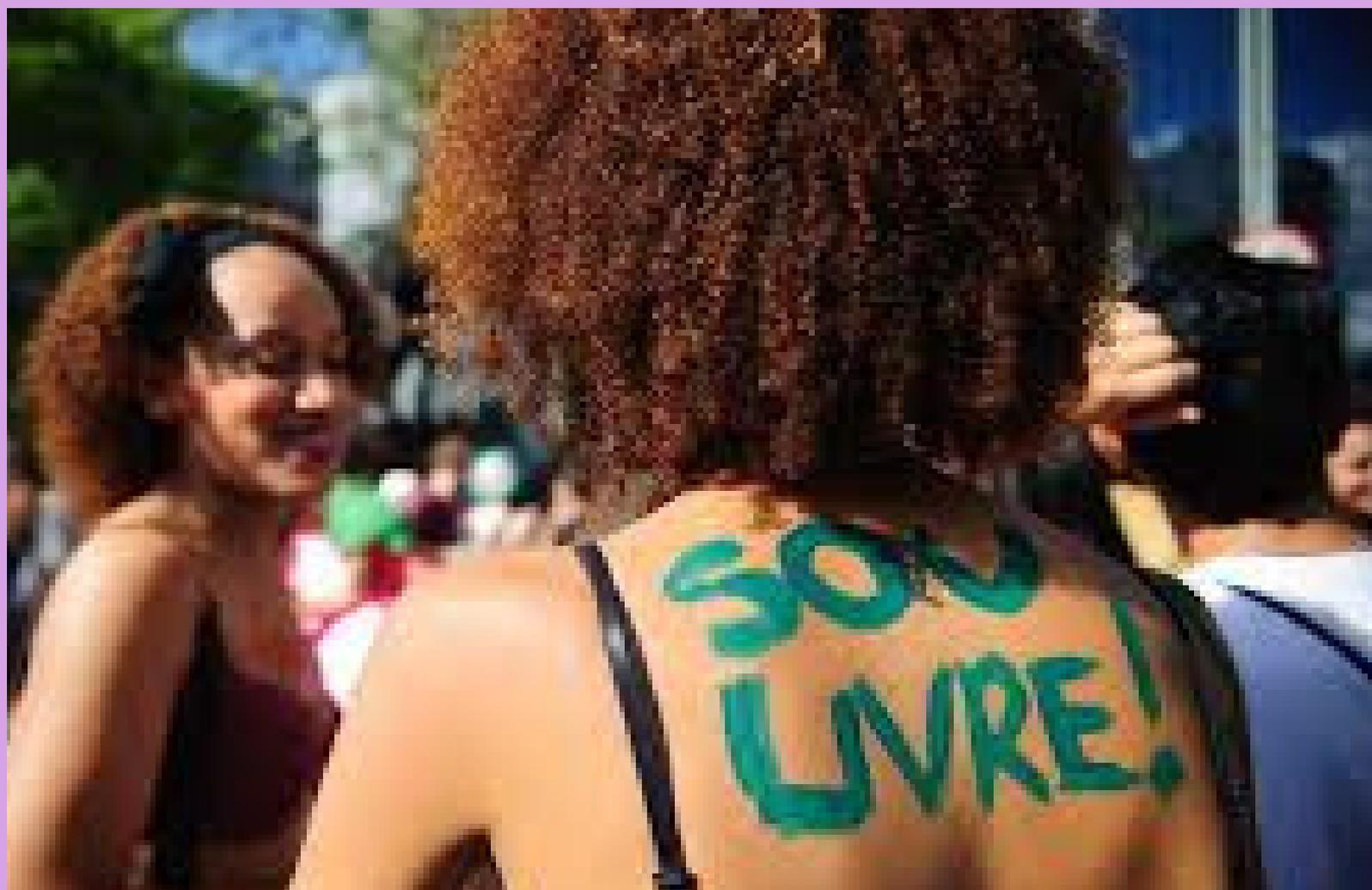


Em relação ao empoderamento feminino, o estudo revelou que as entrevistadas conhecem brevemente o conceito, assim como há a forte crença que empoderadas são as mulheres que podem fazer e estar onde quiserem, sem empecilhos, além de acreditarem que o poder feminino é algo que a mulher desenvolve por si só, a partir da vontade de ter poder.

No entanto, o empoderamento feminino é algo mais complexo:

**[...] O EMPODERAMENTO IMPLICA O RECONHECIMENTO DAS RESTRIÇÕES SOCIAIS A QUE A CATEGORIA (AS MULHERES, NO CASO DESTA TESE) ESTÁ SUBMETIDA E DA NECESSIDADE DE REVERSÃO DESSA SITUAÇÃO POR MEIO DE MUDANÇAS EM AMBIENTES SOCIAL E POLÍTICO, E EM CONTEXTOS MAIS ESPECÍFICOS OU INDIVIDUAIS (AUMENTO DE AUTOESTIMA E AUTONOMIA, REORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO, ETC)**

**(CORTEZ; SOUZA, 2008 APUD MAGESTE, 2018, P. 57).**





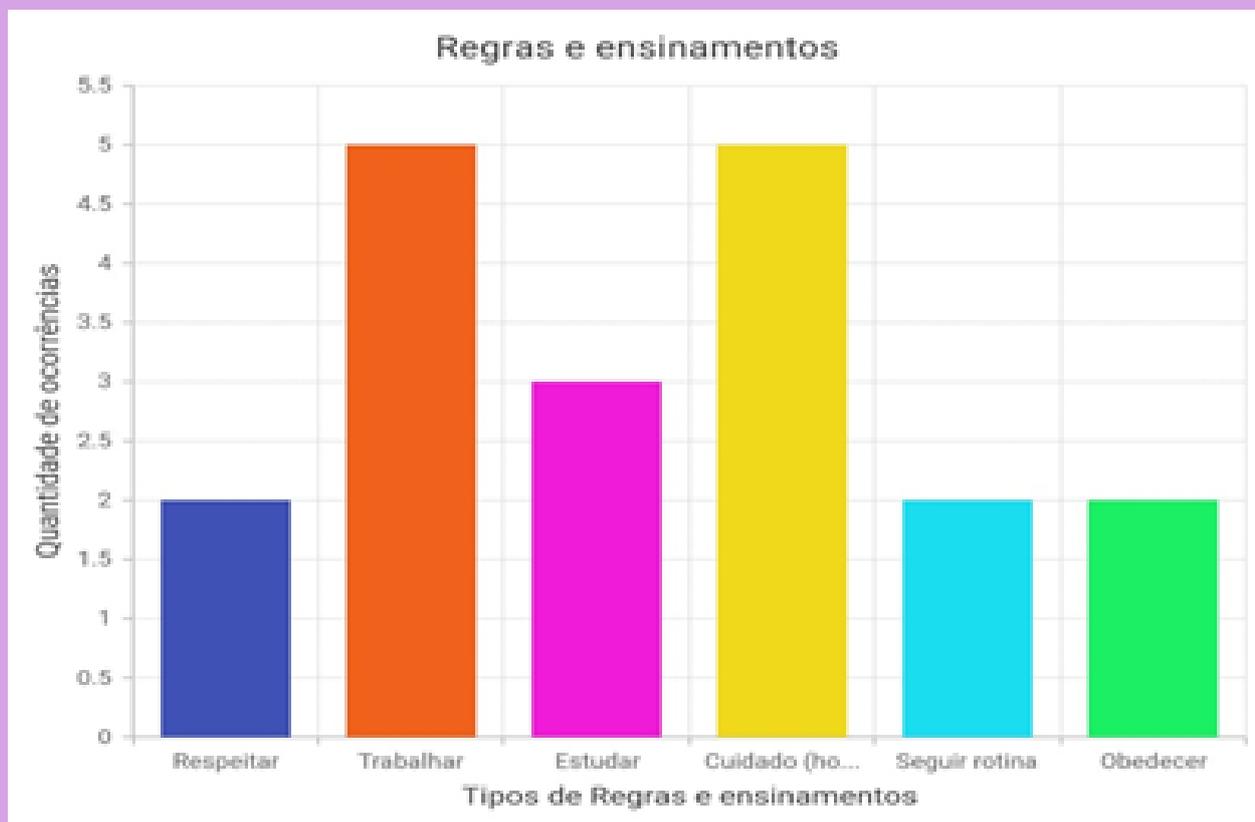
Nesse sentido, a pesquisa revelou que as entrevistadas procuram ajudar na construção do empoderamento em suas ações do cotidiano: conversando com amigos e familiares que precisam de ajuda ou em seus ambientes de trabalho.

Na minha profissão, acredito que fazendo com que as mulheres que trabalham junto comigo [...] se sintam importantes, que elas reconheçam o seu valor, que elas entendam que são importantes no mundo (Olympe. G).

## CONTEXTO FAMILIAR AO LONGO DO TEMPO

Em relação à pesquisa feita por décadas, a mesma revelou que com o passar dos anos, a grande maioria dos costumes patriarcais se manteve nas famílias. O serviço doméstico era uma tarefa desenvolvida apenas por mulheres, enquanto o serviço da roça era desenvolvido pelos dois sexos. Isso mostra que as mulheres ao longo dos tempos, tinham uma jornada dupla de trabalho, tendo que colaborar no trabalho para o sustento e quando chegasse em casa, tendo ainda o cuidado com o lar para fazer. As entrevistadas relatam que desde crianças os seus atributos eram fazer o serviço doméstico, cuidar da casa e dos irmãos menores.

Além disso, a pesquisa também averiguou quais eram as regras e ensinamentos dados pelas famílias às meninas/adolescentes. Como destaca o gráfico a baixo, as regras mais acentuadas são “trabalhar” e “ter cuidado com os meninos/rapazes/homens”. Isso revela que as famílias conheciam o contexto machista que a rodeava e tentava protege-las e alertá-las sobre coisas ruins que podiam acontecer com elas ao estar em contato com o sexo oposto.



Fonte: arquivos da autora, 2024

Já em relação aos meninos/rapazes, a maioria das entrevistadas revelou que eles não tinham regras/ensinamentos específicos. Algumas apenas destacaram que eles eram orientados a não brigar quando saíssem de casa.

## **O TRABALHO DESENVOLVIDO PELO COLETIVO DE MULHERES**

É inegável a importância dos coletivos de mulheres para fortalecer as relações de sororidade e pela busca de igualdade entre os sexos. Assim, ao estar inserido no grupo, o sujeito sente-se parte indissolúvel da comunidade, não tendo espaço para hierarquias. Uma vez que se juntem em grupos sólidos e fortes, as mulheres adquirem mais resistência para lutar pelo que almejam do que se estivessem sozinhas (Cardoso, 2019).

Nessa perspectiva, o Coletivo de Mulheres de Itatiba do Sul, criado aproximadamente em 1988 com o objetivo de fazer frente pela busca dos direitos femininos. Atualmente, são realizadas ações formativas para que as participantes possam repassar o conhecimento recebido em suas comunidades. As principais temáticas discutidas, no coletivo, são sobre tentar ajudar outras munícipes que se encontram incapacitadas de participar por serem submissas aos maridos. Além disso, são realizados trabalhos de artesanato, atividades de fortalecimento do SUS, a saúde da mulher, a ampliação dos conhecimentos das integrantes sobre política e sobre a igualdade entre os sexos.

Diante disso, a pesquisa mostrou que o Coletivo de Mulheres de Itatiba do Sul é fundamental para a construção do empoderamento feminino, pois configura-se como um lugar onde as mulheres se encontram para conversar, trocar experiências e se ajudar mutuamente.

[...] o coletivo fortalece a luta da mulher e é essencial para o empoderamento feminino. [...] compreendo que é um espaço de muita importância para as mulheres do nosso município. Por mais que a gente tenha avançado, a gente tem muito preconceito ainda. É muito difícil para as mulheres itatibenses ocupar alguns espaços e nós somos muito rotuladas a partir do olhar e da análise dos homens.  
(Marielle F).

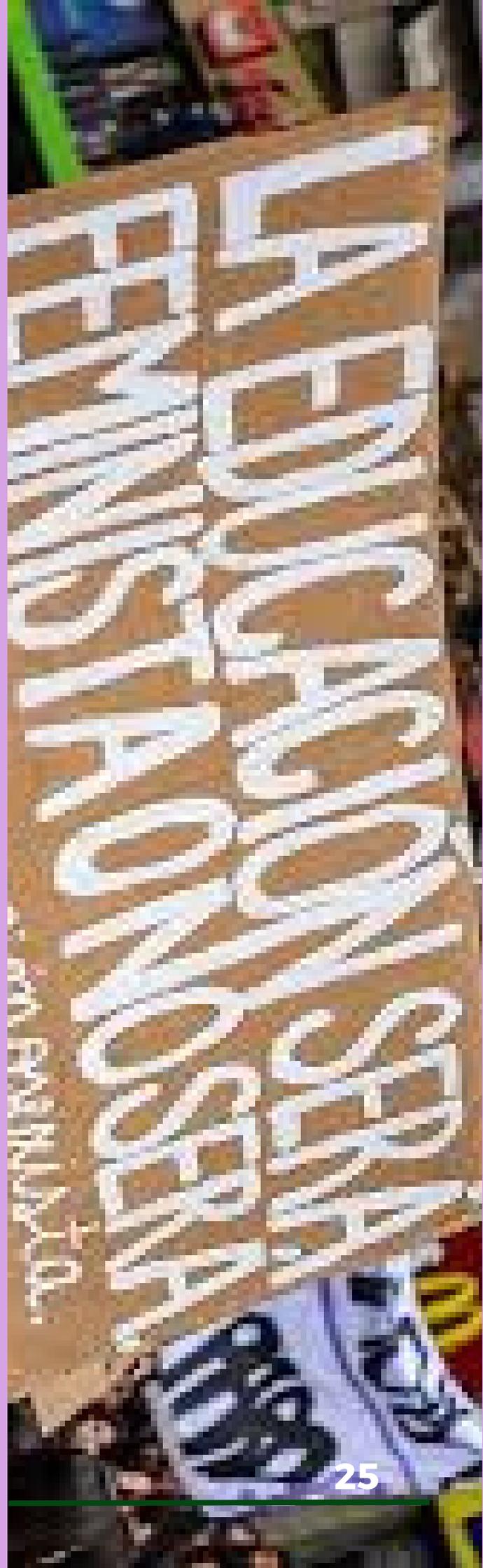
O Coletivo de Mulheres de Itatiba do Sul também pode auxiliar as mulheres a transformar suas vidas:

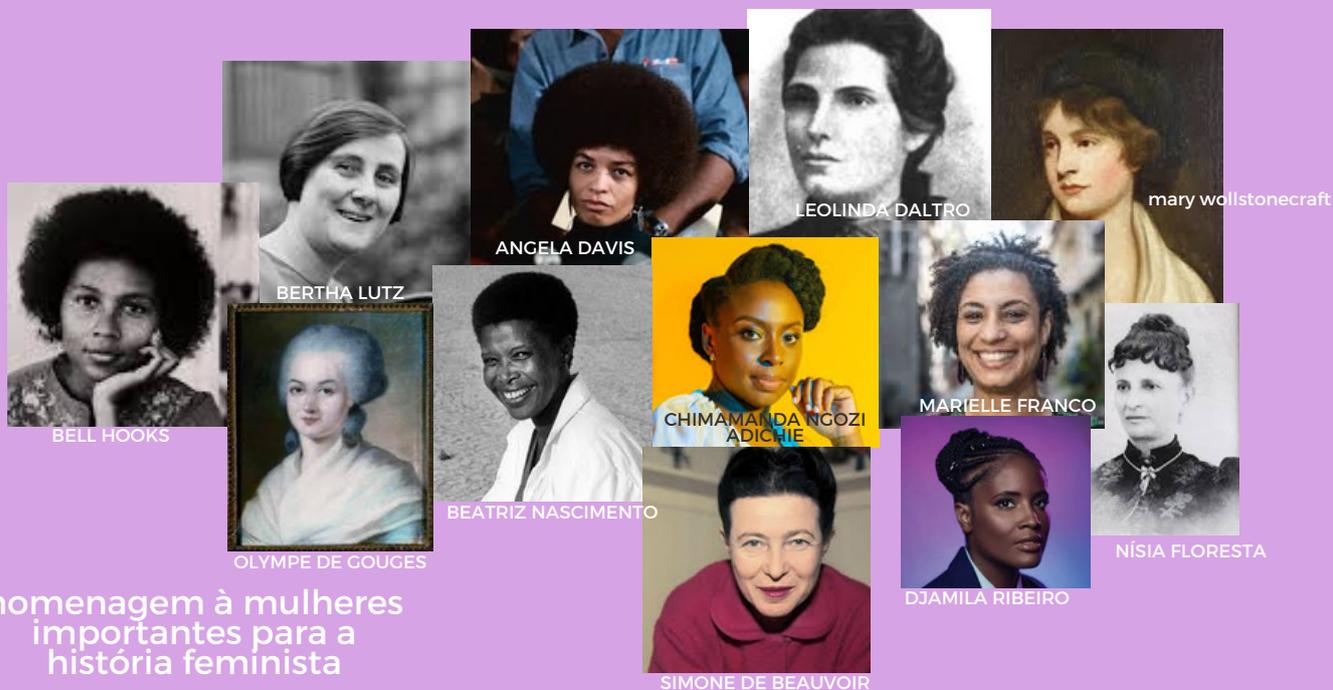
[...] através do coletivo de mulheres que eu me formei como pessoa, me capacitei, busquei algo melhor para a minha vida, consegui me libertar. E, hoje, sou grata a tudo isso. Me sinto muito orgulhosa e foi através disso que, hoje, eu posso estar como vereadora representando as mulheres do meu município. (Beatriz. N) [...] antes de eu começar a participar desse coletivo de mulheres, eu era mais tímida. [...] Eu não tinha coragem de me expor no grupo. E depois que eu comecei participando desses grupos, que eu comecei a interagir com as pessoas e a ser menos tímida (Bell. H).

# O TRABALHO DESENVOLVIDO PELA ESCOLA

A realização da pesquisa mostrou que apesar de ter práticas específicas sobre o empoderamento as escolas trabalham algumas ações em relação à violência contra a mulher. Uma vez que a escola é um reconhecido ambiente de socialização, precisa promover debates e atividades que conscientizem a não perpetuação de desigualdades. Neste sentido, a escola, como um aparelho ideológico do Estado, contribui para a perpetuação do “papeis sociais”, mas ao mesmo tempo pode servir para desenvolver uma consciência crítica nos estudantes em relação às questões de gênero (Lima, 2020).

As entrevistadas destacam a importância de desenvolver mais ações na escola, para os alunos conheçam conceitos como “feminismo” e “igualdade entre os sexos”. Principalmente por que no meio escolar, os educadores tem enfrentado desafios neste quesito: as crianças reproduzem na escola preconceitos, falas e atitudes machistas que vem em casa e em outros lugares.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os direitos fundamentais de todos os seres humanos nem sempre foram uma realidade para as mulheres. Foi por meio de muita luta que o sexo feminino conquistou direitos civis, políticos e o direito a educação de qualidade.

No entanto, a luta continua: o machismo que a séculos segue mulheres no mundo todo ainda está presente, através de estereótipos, preconceitos e violência.

Tendo em vista esse fato e após a leitura deste e-book, espera-se que mais e mais mulheres possam se juntar ao processo de construção do empoderamento feminino, na suas casas, nos seus trabalhos e comunidades. Juntas somos mais fortes!

# REFERÊNCIAS

Baquero, Rute Vivian Angelo. (2012). Empoderamento: instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual. Revista Debates, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 173-187, jan.-abr.

Brandão, Carlos Rodrigues. O que é educação? Coleção Primeiros Passos- 49ª e. d. São Paulo: Brasiliense, 2007.

Cambi, Franco. História da pedagogia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

Cardoso, Sintia Araújo. Lute como uma mulher negra: do Sindoméstico ao Coletivo de Mulheres Creuza Maria Oliveira. 2019. 146.f. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 20 maio. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/34347/1/DISSERTACAO%20%20Sintia%20Araujo%20Cardoso%20-%20PPGNEIM.pdf>

Castro, Fernanda Francielle de. O giz cor-de-rosa e as questões de gênero: os desafios de professores frente à feminização do magistério. 2014. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.

Garcia, Carla Cristina. Breve histórico do feminismo. 3.ed. São Paulo: Claridade, 2015.

Garcia, Valeria Aroeira. A educação não-formal como acontecimento. 2009. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 06 maio. 2009. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1610464>

Hanzen , Márcia. Raiz de roça: empoderamento feminino e capital social na agricultura familiar. 2021. 210 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural Sustentável) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2021.

Kabeer, Naila. Recursos, agência, realizações: reflexões sobre a medição do empoderamento das mulheres. Desenvolvimento e mudança , v. 30, n. 3, pág. 435-464, 1999. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-7660.00125>

Kleba, Maria Elisabeth; WENDAUSEN, Agueda. Empoderamento: processos de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 18, n. 4, pp. 733-743.

Lima, Roberta Brito. Metáforas, implícitos e o lúdico em canções de empoderamento feminino : uma proposta de letramento crítico para o 9º ano. 2020. 102 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2020.

Lino, Sonia Cristina da Fonseca Machado. As ideias feministas no Brasil. 1986. 129 f. Dissertação (Mestrado)- Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1986.

Louro, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula.\_ In: DEL PRIORE, Mary. História das mulheres no Brasil. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

# REFERÊNCIAS

Machado, Monica Sapucaia. As mulheres brasileiras e o acesso à educação superior: conquista de autonomia ou reafirmação da desigualdade?. 2018. 217 f. Tese (Direito Político e Econômico) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

Mageste, Giselle de Souza. #EMPODERAD@S: um estudo sobre construções identitárias de mulheres que discutem empoderamento feminino na internet. 2018. Tese (Doutorado) - Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, 27 jun. 2018. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-BA8FEN/1/gizelle\\_de\\_souza\\_mageste.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-BA8FEN/1/gizelle_de_souza_mageste.pdf)

Rangel, Patrícia Duarte. Movimentos feministas e direitos políticos das mulheres: Argentina e Brasil. 2012. 223 f. Tese (Doutorado)- Instituto de Ciência Política, universidade de Brasília. Brasília-DF, 2012.

Sandenberg, Cecília. M. B. O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres. In: \_ Inclusão Social, Diferentes olhares sobre o empoderamento das mulheres. Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), v. 11, n. 2, 2005. Jan/ jun.

Simson, Olga Rodrigues de Moraes von; Gohn, Maria da Glória; Fernandes, Renata Sieiro. Não-fronteiras: universos da educação não-formal. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

Simson, Olga Rodrigues de Moraes von; Park, Margareth Brandini; Fernandes, Renata Sieiro. Educação não-formal: um conceito em movimento. In: \_ Simson, Olga Rodrigues de Moraes von; Park, Margareth Brandini; Fernandes, Renata Sieiro. et. al. Visões singulares, conversas plurais. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

Telles, Antonia Marlene Vilaca. História da educação brasileira: a mulher como protagonista da educação no ideário Positivista 1880-1930. 2015. 171 f. Dissertação ( Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2015 .